

Epistemologia do turismo: uma contribuição da semiótica de Peirce

Moabe Breno Ferreira COSTA¹
Maria Lúcia Bastos ALVES²

Resumo: Este artigo de revisão teórica propõe uma abordagem sobre a aplicabilidade da semiótica peirciana ao estudo do fenômeno turístico e sua contribuição para a epistemologia da disciplina. Considera-se que a pesquisa na área prescinde de um processo de investigação reflexivo que permita uma análise interdisciplinar, visto que a atividade reúne diversos setores da ação humana e aspectos da subjetividade dos indivíduos, que apontam para uma multiplicidade de discursos. Nesse sentido, apresenta-se uma construção metodológica que estabelece uma adequação dos estudos de Maccannell (2003), considerando as perspectivas do autor em relação a marcadores, vistas, experimentações do lugar e institucionalização de atrativos, às categorias de análise de Peirce – primeiridade, secundidade e terceiridade. Observa-se que o processo permite a identificação de percepções e formulações cognitivas de turistas e de autóctones sobre o lugar e seus atrativos, mediando a complexidade que envolve estas formulações, incluindo desde o processo de informação até a elaboração de conceitos sobre o lugar, passando pelas experimentações. Reitera-se que a análise contextualizada dessas percepções e formulações cognitivas constitui-se como um fomento à produção do discurso do turismo.

Palavras-chave: semiótica peirciana; método de pesquisa; interdisciplinaridade; epistemologia do turismo.

1 Introdução

A reflexão proposta neste artigo faz parte do método de pesquisa em estudo para a produção da tese de doutoramento referente a análise da memória coletiva sobre a cidade turística formada a partir de suas extensões no ciberespaço da internet e em aplicativos móveis, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Conforme observa Moesch (2000), o saber turístico é por essência interdisciplinar. Trata-se de um fenômeno complexo, por entrelaçar diversos setores da atuação humana. Por isso, o discurso do turismo prescinde de um processo metodológico que dê conta de tal interdisciplinaridade, a exemplo da semiótica peirciana.

Semiótica é a ciência geral dos signos tanto verbais quanto não verbais. Serve para estabelecer ligações entre códigos, linguagens, pensamentos... representando uma forma de ler o mundo não verbal, como uma possibilidade de compreensão das relações do homem com a infinidade de signos sociais. Signos são estruturas de representações vinculadas a aspectos culturais. Isso implica que a eleição de elementos sígnicos perpassa pela subjetividade dos indivíduos e por suas vivências, constituindo-se, por exemplo, como

¹ Doutorando. UFRN. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4734564U1>.
moabebreno@hotmail.com

² Professora doutora. UFRN. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4137729D6>
mluciabastos29@yahoo.com.br

aspectos da memória por estarem intrincados na mente e permitirem um sentimento de pertença a uma cultura.

Embora as questões concernentes aos signos e à linguagem possam retroceder a pensadores como Aristóteles e Platão, foi o inglês John Locke, no final do século XVII, o primeiro filósofo a conceber a semiótica como ciência nos moldes em que se entende atualmente. E foi o norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) o pioneiro no estudo. Vale assinalar que em paralelo às elaborações de Peirce, o francês Ferdinand de Saussure (1857-1913) desenvolve a semiologia, centrado no estudo da linguagem verbal, considerando a relação binária do signo entre um conceito (o significado) e uma imagem (o significante), dando origem ao Estruturalismo. Já em meados do século passado, o estudo dos filólogos Viessé-lovski e Potiebniá deu início ao estruturalismo soviético, incluindo estudos da poética formal e história dos movimentos artísticos de vanguarda na Rússia.

Peirce bacharelou-se em química na universidade de Harvard, e também era matemático, físico, astrônomo, mas nunca se manteve restrito a essas áreas, dedicando-se à linguística, filologia e história. Tornou-se um cientista e também filósofo, e destinou-se a aplicar os métodos de observação, hipóteses e experimentos praticados nas ciências à filosofia. Assim, concentrou-se no estudo da lógica, sua grande paixão. É a partir de sua fixação pela lógica, respaldado por um corpo teórico envolvendo filosofia e ciências da linguagem, que ele gradativamente desenvolve a ciência geral dos signos – a Semiótica.

A semiótica peirciana propõe a compreensão de todas as coisas, a partir da concepção triádica do signo (primeiridade, secundidade, terceiridade), o que fomenta a constituição de um método anticartesiano. O modelo não estabelece respostas e ideias concretas sobre a disciplina da análise. Ao contrário, busca o alargamento de possibilidades, conduzindo à proliferação de sentidos. Assim, a proposta principal deste artigo é propor um debate sobre a epistemologia do turismo a partir da aplicabilidade da semiótica à disciplina.

Apresenta-se uma adequação dos estudos do antropólogo americano Dean Maccannell (2003) ao modelo de Peirce. É necessário notar que o antropólogo chama a atenção para o estudo dos signos e incita uma discussão sobre semiótica peirciana e turismo, porém não se aprofunda nas categorias de análise desenvolvidas por Peirce, como se propõe neste construto. A ideia é que o processo permita a identificação de percepções e formulações cognitivas de turistas e de autóctones (considerados aqui como “observadores”) sobre o lugar e seus atrativos.

Desse modo, considera-se que o método proposto possibilita a identificação de discursos sociais que constituem o fenômeno turístico. A análise desses discursos à luz de teorias pertinentes permite um debate sobre a epistemologia do turismo, ponderando elementos da complexidade que envolve tais formulações, como os processos de informação, as experimentações sociais e a elaboração de conceitos sobre o lugar.

O texto está estruturado em três tópicos. O primeiro – Reflexões sobre epistemologia e o saber turístico – desenvolve-se uma contextualização sobre a contribuição da semiótica para a produção do conhecimento e o processo de edificação de um discurso do turismo. No

tópico seguinte – Uma breve discussão sobre o método de Peirce – tem-se uma abordagem sobre a trilogia peirciana. Em seguida, apresenta-se o modelo proposto, no tópico “Aplicabilidade do modelo semiótico ao turismo”, fechando a ideia geral do trabalho.

2 Reflexões sobre semiótica, epistemologia e o saber turístico

O método semiótico corresponde a um processo de compressão do mundo e das coisas do mundo a partir do estudo do signo, considerando sua lógica e seus mecanismos de engendramentos cognitivos, que possibilitam a formulação e discussão de ideias. Para Peirce (2005), signo é qualquer coisa que significa qualquer coisa para alguém; e, nesse sentido, comporta-se como uma mediação. “Quando, no contexto da semiótica peirciana, se faz a afirmação de que tudo é signo, o que se quer dizer é que não há relações – e não apenas no universo humano – que possam escapar dos processos mediadores que são próprios dos signos” (SANTAELLA, p. 94, 2008).

Emergir na semiótica (do grego *semeion* = signo) é penetrar no estudo dos pensamentos, sentidos, percepções, experimentações, abstrações e constatações do ser humano sobre as coisas do mundo, sejam elas físicas ou virtuais. Santaella (2004) utiliza da metáfora “gramática do pensamento”, do filósofo polonês Buczynska-Garewicz, para dizer que as classificações propostas por Peirce incluem todos os aspectos ontológicos e epistemológicos do processo sógnico, o que possibilita o acesso cognitivo aos fenômenos, a partir de sua desconstrução em partículas sógnicas para posterior investigação.

Em sentido semelhante, MacCannell (2003) propõe a aplicabilidade da semiótica ao turismo, como um caminho para entender a relação entre informações, homem e lugares. Observa-se neste contexto que o caráter desconstrutivo-investigativo da semiótica permite a apreensão de sentidos e um consequente aprofundamento dos conteúdos identificados. O método consente que o pesquisador busque em diversas disciplinas argumentos para fundamentação do seu objeto. Conforme observa Codato e Lopes (2010), a semiótica fornece a compreensão de sentidos, do espaço do discurso, da representação, da construção dos simulacros significantes, do sujeito, do corpo das vivências, enfim de uma série de fatores que permeiam as atividades humanas.

Isso implica que a análise desses conteúdos requer um trabalho de ligação e contextualização de sentidos, apontando para a produção do saber. Observa-se com Japiassu (1991) que o saber pode ser usado para designar tanto processos de ordem prática quanto edificações da ordem intelectual e teórica, que geram uma dimensão científica.

Hoje em dia, podemos nos servir do termo “saber” para designar uma série de disciplinas intelectuais mais ou menos estabelecidas, mas que não podem ser consideradas como ciências, no sentido atual do termo: o saber “racional”, constituído pela filosofia, ou o saber “crente” ou “místico”. Entretanto, entre as ciências e os saberes especulativos, intercalam-se várias disciplinas cujo estatuto ainda permanece incerto: disciplinas de erudição, história, disciplinas jurídicas, etc. (JAPIASSU, 1991, p. 16).

Ou seja, antes do saber científico propriamente dito, há uma construção de pensamentos e reflexões sobre a disciplina que corresponderiam a pré-noções voltadas para explicar as práticas vigentes e suas relações com a sociedade. Moesch (2000) destaca que a constituição destas pré-noções (ou, como ela denomina, fazer-saber) predomina nos estudos do turismo. Conforme observa, a literatura vigente, em geral funcionalista e fenomenológica, oferece abordagens fragmentadas, desarticuladas, unilaterais e metodologicamente frágeis que dificultam uma clareza epistemológica para a construção do saber turístico. Limita-se a pensar sistemas mercadológicos, políticos e organizacionais como mecanismos de aprimoramento das atividades do setor.

Com base em Japiassu (1991), considera-se esta instrumentalização como pré-saber porque constitui o alicerce para a construção e análises dos discursos sobre as práticas técnicas e humanas enquanto uma área do saber. “Como já dizia Aristóteles, toda disciplina susceptível de se aprender e todo estudo comportando um processo intelectual, constitui-se a partir de um conhecimento já presente” (JAPIASSU, 1991, p. 18). Particularizando essa premissa, pode-se dizer que o desenvolvimento de uma epistemologia do turismo deve partir de uma reflexão sobre as práticas e conteúdos já elaborados, não necessariamente no sentido de instrumentalizar o saber, mas sim de se criar um conteúdo intelectual identitário da disciplina, que fomenta um discurso do turismo.

Etimologicamente, o termo epistemologia (do grego *episteme* =ciência e *logos* = estudo/ discurso) diz respeito ao estudo da ciência, ou estudo do discurso sobre a ciência. Trata-se do estudo metódico e reflexivo do saber, observando momentos específicos da apreensão. Isso implica a análise dos pré-saberes com base em reflexões teóricas que permitem o progresso intelectual, sem necessariamente vislumbrar-se a aplicabilidade imediata do conteúdo. Tal atitude corresponde ao processo de vigilância epistemológica.

Trata-se de uma atitude reflexiva sobre o método científico, isso é, de uma atitude que nos leva a apreender a lógica do erro, para construir a lógica da descoberta científica como polêmica contra o erro e como esforço para submeter as verdades aproximadas da ciência e os métodos que ela emprega a uma retificação metodológica, a fim de nos libertarmos das ideologias, das crenças, das opiniões, das certezas imediatas e chegarmos, assim, à objetividade científica; esta não pode repousar num fundamento tão incerto quanto à objetividade do cientista (que é a sua subjetividade), mas exige o estabelecimento das condições de um controle intersubjetivo (JAPIASSU, 1991, p. 19-20).

Diante do contexto, considera-se que a semiótica peirciana corresponde a um processo de vigilância epistemológica. As categorias triádicas (abordagem do próximo tópico) incitam que a reflexão científica não deve centrar-se exatamente na busca pelo “saber em si”; mas, ao contrário, na sua desconstrução, na sua fragmentação. A semiótica esmiúça o fato para contextualizá-lo. Assim, estabelece conexões entre percepções e conhecimentos, gerando um processo cognitivo.

Peirce (2005) afirma que toda cognição é determinada logicamente por cognições anteriores. Com isso, define que todas as questões podem ser investigadas através de uma sistematização tal que possibilite a interligação das conjecturas e aspectos que compõem o objeto da análise. Conforme observa, o conhecimento se dá a partir de um processo cognitivo cujas leis sejam devidamente compreendidas e capazes de aproximar fatos internos e externos inerentes ao objeto. Por esse viés, infere-se que a semiótica é um caminho para o desenvolvimento de uma epistemologia do turismo, já que se trata de uma atividade que exige abordagem multidisciplinar para seu entendimento.

Com Meffesoli (1998, p.13), observa-se o modelo de Peirce como a produção de um saber dionisíaco que abre perspectivas para incertezas e imprevisibilidades. “Coisas incontrolláveis, imprevisíveis, mas não menos humanas. Coisas que, em graus diversos, atravessam as histórias individuais e coletivas. Coisas, portanto, que constituem a *via crucis* do ato de conhecimento”. Reitera-se que é necessário pensar a apreensão do “saber” a partir da desconstrução e detalhamento dos pré-saberes, que são construções óbvias, sem maiores desafios. Já a semiótica peirciano representa um caminho operante para a apreensão do conhecimento de modo mais dinâmico, mais intenso e mais verdadeiro. Trata-se de um método que estabelece a interconexão de fatores como elemento preponderante para a análise do fenômeno, possibilitando um processo aberto de investigação.

A imposição de limites à produção do saber é incapaz de perceber a condição densa, imagética, simbólica da experiência vivida. Ao contrário de tal linearidade, o processo semiótico põe em jogo as razões abstratas e internas nas produções do conhecimento, e propõe um alargamento da consciência, buscando a percepção da globalidade social em seus mais diversos elementos, inclusive aqueles não perceptíveis à primeira vista. Afinal, como observa Iasbeck (2010, p 196) “um projeto semiótico não tem pretensões a conclusões gerais ou a fechamentos contundentes”, ao contrário busca o alargamento de possibilidades na análise de um dado objeto.

Considera-se, por essa proposição, que a produção do saber turístico corresponde a etapas progressivas do pensar considerando as possibilidades oferecidas pelo erro, que se apresenta como negação da certeza. Ou seja, as construções epistemológicas referentes à disciplina devem considerar as possibilidades de refutação de enunciados, assim como propõem o princípio da falseabilidade de Popper (2008) e a teoria do falibilismo de Peirce (IASBECK, 2010), que diz que todo conhecimento está sujeito ao erro. Nesse modo, Panosso Netto (2014, p. 2) pondera que “a epistemologia é importante para que se possa explicar como se pensa o turismo e assim se faça a definição entre o falso e o verdadeiro, entre a verdade e o erro, ainda que esta discussão seja de todas as maneiras elevada e complexa”.

Portanto, ratifica-se que o saber turístico enquanto um fenômeno multidimensional, deve se constituir em processos reflexivos que buscam a subjetividade da disciplina, de onde se pode extrair o seu discurso. “Ora, a própria organização do conhecimento, no interior de nossa cultura, racha esse fenômeno multidimensional; os saberes que ligados, permitiriam o conhecimento do conhecimento são separados e esfacelados” (MORIN, 2005, p. 18).

Nesse contexto, atenta-se para a reflexão sobre o discurso do turismo, considerando os tipos de epistemologia propostos por Japiassu (1991). A global, quando se trata de um saber globalmente considerado, um paradigma alusivo à disciplina; a particular, referindo-se a suas especificidades; e a específica corresponderia ao momento de considerar a matéria como uma unidade definida do saber. Seria o período de estudá-la de modo detalhado, mostrando sua organização, funcionamento e possíveis relações com outras áreas. Há ainda a epistemologia interna (a análise crítica que se faz dos procedimentos de conhecimento da disciplina, buscando seus fundamentos) e a derivada que corresponde à compreensão de como o referido conhecimento é possível, fazendo conexões com outras áreas do saber.

Estudos como os de Moesch (2000), pioneira nesta discussão no Brasil, e de Panosso Netto (2014), por exemplo, inserem-se no contexto das epistemologias interna e derivada. Os autores problematizam, alertam, convidam para o aprofundamento teórico e desenvolvimento de métodos voltados para a apreensão do saber turístico. Fomentam uma racionalidade propícia às epistemologias específica e particular, pois se comportam como bases reflexivas a processos intelectuais da produção do saber.

Com essa perspectiva, observa-se que o método semiótico coopera para a construção do discurso do turismo, permitindo a produção de uma epistemologia específica, já que colabora para a delimitação de categorias de análise. Em nível de primeiridade identifica-se a motivação; na secundidade compreende-se o observador e o espaço, e, na terceiridade, apreendem-se as formulações dos observadores sobre o espaço, constituído conceitos sobre o lugar ou sobre o turismo no lugar. Uma delimitação sobre semiótica e sua aplicabilidade ao turismo são as discussões do próximo tópico.

3 Uma breve discussão sobre o método de Peirce

Santaella (2006, p. 25) diz que a teoria de Peirce é voltada para o desenvolvimento cognitivo a partir de bases lógicas dialéticas “visto que o pensamento humano gera produtos concretos capazes de afetar e transformar materialmente o universo, ao mesmo tempo que são por ele afetados”. Em sentido semelhante, Moesch (2000) entende que a racionalidade dialética propõe uma mediação entre sujeito e objeto. De certo, as autoras entendem que a dialética não admite princípios absolutos. Ao contrário, a produção do conhecimento está continuamente suscetível a mudanças, ocorrendo em fases ou etapas contínuas.

Então, é pertinente contextualizar com Japiassu (1991, p.27) que “devemos falar hoje em conhecimento-processo e não em conhecimento estado”. Isso implica que o objetivo da epistemologia é analisar estas etapas de estruturação do conhecimento, de modo que este tenha sempre caráter provisório, jamais definitivo e acabado. A epistemologia se situa na intersecção e preocupações de disciplinas diversas. Assim, considera-se com Foucault (2014), que a produção do saber corresponde à busca contínua de racionalidades e de seus efeitos.

Suspendem o acúmulo indefinido dos conhecimentos, quebram sua lenta maturação e os introduzem em um tempo novo, os afastam de sua origem

empírica e de suas motivações iniciais, e os purificam de suas cumplicidades imaginárias; prescrevem desta forma, para a análise histórica, não mais a regressão sem fim em direção aos primeiros precursores, mas a identificação de um novo tipo de racionalidade e de seus efeitos múltiplos (FOUCAULT, 2014, p. 4-5).

Segundo o autor, a busca por novas racionalidades inclui estruturas de pensamento voltadas para a análise multidimensional do fenômeno, observando a concomitância das abstrações e objetividade científica. Nesta perspectiva, inserem-se deslocamentos e transformações de conceitos, diferentes formas de encadeamento de ideias, compatibilidades de sistemas intelectuais, além das análises literárias, que ao mesmo tempo fundamentam e renovam o raciocínio.

Nesse sentido, reitera-se o modelo de Peirce como um aceitável caminho para essa racionalidade junto à produção do saber turístico, possibilitando confrontos e interconexões teóricas a estudos vigentes sobre a disciplina com uma perspectiva multidimensional. Por exemplo, o método semiótico possibilita aproximar no mesmo contexto a sociologia de Krippendorf (2000) e a visão sistêmica de Beni (2001) que discutem, de certo modo isoladamente, comportamentos humanos e a estruturação dos centros receptivos. Isso porque o método possibilita uma verificação experimental das possíveis consequências de uma conjectura, as associando em um conteúdo. Caráter que permite a averiguação de aspectos que compõem o objeto da análise, considerando que esses aspectos estão intercalados entre si. A este raciocínio Peirce (2005) denomina “retrodução”.

Retrodução é a adoção provisória de uma hipótese em virtude de serem passíveis de verificação experimental todas as suas possíveis consequências, de tal modo que se pode esperar que a persistência na aplicação do mesmo método acabe por revelar seu desacordo com os fatos, se desacordo houver (PEIRCE, 2005, p. 6).

Por esse pensamento, com base na lógica analítica de Kant de que todo conhecimento deriva da experiência e todas as verdades são analíticas e também usando da fenomenologia, Peirce observa que há três perspectivas fundamentais a ser consideradas na análise do fato/fenômeno: o fato sobre um objeto, que seria o fato em si mesmo; o fato sobre dois objetos, correspondendo ao estágio de conexões estabelecidas a partir do fato, que seria um estágio de relações; e o fato sobre vários objetos, que implicaria nas ramificações e nas sínteses que se possam ter sobre o fato.

A partir dessa racionalidade, Peirce propõe a análise do signo e constrói sua rede de classificações; sempre triádicas. Como explica Santaella (2004; 2005), para Peirce, a compreensão do fenômeno, no pensamento ou no mundo empírico, é possível a partir de três categorias fundamentais – primeiridade (qualidade), secundidade (relação) e terceiridade (representação) – que permitem a análise do signo em relação a si mesmo, em

relação ao seu objeto e em relação ao interpretante (os sentidos produzidos). Essa é a primeira trilogia. Cada uma dessas categorias também admite três outras.

A primeiridade está relacionada com as ideias do acaso, oriência, originalidade, presentidade, imediaticidade, frescor, espontaneidade, qualidade, sentimento, impressão; a secundidade, com ideias de ação e reação, esforço e resistência, conflito, surpresa, luta, aqui e agora; a terceiridade, com as ideias de generalidade, continuidade, crescimento, aprendizagem, tempo, evolução (SANTAELLA, 2004, p. 30-31).

A primeiridade corresponde ao nível do sensível, do sentimento e da qualidade e deve ser compreendida a partir de três elementos. Considerando o signo em relação a si mesmo, refere-se ao qualisigno (primeiridade da primeiridade); em relação ao objeto, diz-se do ícone (secundidade da primeiridade); e, em relação aos sentidos – interpretante – denomina-se rema ou hipótese (terceiridade da primeiridade). Qualisigno pode ser uma qualidade ou atributo que funciona como signo, produzindo na mente do observador um sentimento vago, abrindo-se para possibilidades. Ícone corresponde a aspectos de similaridades entre o signo e o objeto. Representam por semelhanças, por isso em relação ao interpretante, comportam-se como um rema uma hipótese, pois são possibilidades qualitativas, abstrações da mente.

A secundidade está vinculada ao nível da experiência e refere-se ao sinsigno (o signo em relação a si mesmo – primeiridade da secundidade), índice (relação ao objeto – secundidade da secundidade), e dicente ou dicensigno (relação aos sentidos – terceiridade da secundidade). O sinsigno é um signo de existência, corresponde a um objeto da experiência direta, o próprio ator de uma atividade ou suas representações, por exemplo. Já o índice é dinâmico, propõe ligação de fato entre duas coisas e só funciona como signo quando um intérprete estabelece conexões possíveis. As ações humanas são índices de alguma coisa relativos ao modo como foram produzidas. Nesse sentido, o dicente ou dicensigno tem veracidade e pode ser constatado no local. É a existência concreta.

O último nível, o da terceiridade, está vinculado à inteligência e ao pensamento, por isso é o nível da continuidade. Na relação do signo a si mesmo, a primeiridade da terceiridade, refere-se ao legisigno – uma convicção social, constituída por convenção ou pacto coletivo; na relação com o objeto, a secundidade da terceiridade, constitui o símbolo – aquilo que representa a generalidade da lei, uma ideia armazenada na memória. Em relação aos sentidos, produz o argumento – a terceiridade da terceiridade – que corresponde à razão da lei. Reúne séries lógicas que fundamentam conceitos produzidos pelo observador.

As categorias triádicas são modalidades específicas da apreensão do fenômeno, propondo uma sistematização e organização a partir da identificação das funções dos signos existentes no objeto estudado. Assim, infere-se a partir de Lasbeck (2010), que a semiótica possibilita o desenvolvimento de pesquisas no turismo sem agredir seus princípios. O modelo de Peirce propõe a organização do conhecimento de modo multidirecional,

possibilitando diversas formas de exploração do fenômeno, o que permite a proliferação de sentidos. A aplicabilidade da semiótica ao turismo é a abordagem do próximo tópico.

4 Aplicabilidade do modelo semiótico ao turismo

Moesch (2000) sugere o desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre o turismo, desprendendo-se de ideias que o reduzem a atividade socioeconômica. A autora aponta para a necessidade de tessituras mais profundas e interdisciplinares para a argumentação e compreensão dos pressupostos do saber turístico. Por este princípio, busca-se a interconexão entre as percepções de MacCannell (2003) ao modelo de Peirce, vislumbrando a produção de uma epistemologia específica para a disciplina. Embora não se aprofunde na trilogia peirciana, o antropólogo inicia uma reflexão sobre signos e possibilidades de representação, estabelecendo uma correlação entre turismo e semiótica peirciana.

Al formular la atracción como una relación entre una vista, un marcador y el turista, mi objetivo fue adaptar la precisamente a las características de las atracciones turísticas reales y, em la medida de lo posible, también a la definición teórica de signo establecida por Pierce. La estética de la eventual simetria que pude alcanzar entre ambas, entre lá teoria y su application al turismo, fue motivo de um gran placer personal. (MacCannell, 2003, p. 145-146).

A abordagem aponta para a possibilidade de identificação das percepções e formulações cognitivas dos observadores sobre os lugares turísticos. Para Maccannell (2003), o processo de significações sobre os espaços e seus atrativos formula-se a partir de enunciados sobre o destino, que ele denomina de marcadores. Esses marcadores podem ser livros, filmes, relatos de viagens, reportagens de revistas, jornais, TVs, internet, entre outras comunicações. Em seguida, o autor adverte que as experimentações no lugar permitem ao observador a delimitação do atrativo, que ele compreende como “vistas” – aquilo que o observador elege como elemento simbólico do lugar a partir de suas percepções e experimentações no local, que, por sua vez, estão associados ao seu contexto cultural.

Para o antropólogo, durante o processo de experimentações haverá identificações ou obliterações das hipóteses concebidas pelo observador a partir dos signos propostos pelos marcadores. A identificação corresponde ao que foi concebido; as obliterações constituem-se como negações das hipóteses ou elementos outros que interfiram na percepção sobre a vista. Permitem formulações cognitivas do observador sobre o local que podem provocar transformações em suas formas de percepção, na sua relação com o meio e também no meio. A experimentação coopera para a formulação de conceitos, podendo se constituir para o observador como delimitação daquilo que de fato o atrai e o prende ao local, possibilitando a institucionalização dos atrativos, que se tornam símbolos do lugar.

Ao considerar que o contato do observador com o local ou suas reflexões sobre ele, dá-se primeiro através de informações, a verificação dos marcadores caracteriza o nível da

primeiridade. Trata-se do momento da abstração da busca por qualidades, que podem estimular a experimentação, como uma notícia na internet sobre um lugar, composta por título, fotografia e texto (Figura 1). O título corresponde ao qualisigno, por proporcionar uma síntese da qualidade do lugar. Na constituição da notícia, as fotografias se comportam como ícones. São recortes do local; um ponto de vista iconográfico que deve reforçar aspectos estabelecidos no título. Por constituir para o observador apenas imagens mentais, a mensagem ou sentidos da notícia configuram-se com um rema. Assim, a informação na primeiridade comporta-se como motivação para a experimentação do espaço.

Figura 1: Primeiridade



Fonte: notícia retirada do site da Prefeitura Municipal de Natal
<http://natal.rn.gov.br/noticia/ntc-24260.htm> Acesso 25/05/16
Intepretação da pesquisa

Como o processo epistemológico requer um aprofundamento teórico, observa-se que a análise desses enunciados da primeiridade deve envolver um estudo sobre conteúdo, características do meio, e sua relação com as estratégias de divulgação do turismo. Portanto, neste caso, a produção do saber turístico se inicia com uma abordagem sobre comunicação aplicada ao setor.

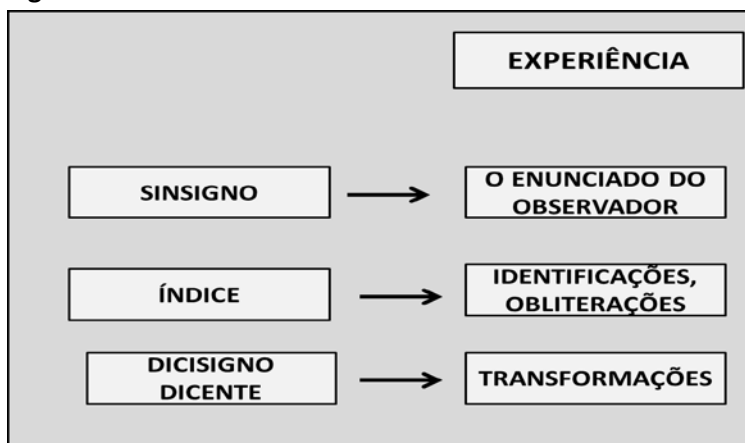
Fixa-se agora na experimentação do espaço do lugar que corresponde à secundidade. Trata-se de uma relação de dependência e dualidade no nível da experiência, a partir da exploração das vistas, percepções e trocas culturais. É o momento da constatação ou negação das hipóteses concebidas. O observador inicia a elaboração dos conceitos e definições sobre o lugar, considerando identificações, obliterações e informações contidas em sua memória, em sua subjetividade e em seus campos cognitivo e afetivo. Seguindo o contexto da informação na internet para representar a primeiridade, e considerando o caráter interativo do meio, pode-se dizer que o registro do observador nos espaços de debate sobre as notícias constitui-se como um sinsigno.

É o elemento que estabelece a relação dual entre o marcador e espaço físico e que na virtualização do ciberespaço se confunde com o próprio observador, que é o objeto da experiência. Com base em Santaella (2004a, p. 34), reitera-se que esses registros envolvem “transformações sensoriais, perceptivas, e cognitivas, que trazem consequências também para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental”. É o elemento virtual da relação entre o marcador e o lugar, por isso é um sinsigno – o objeto que estabelece a concretude da relação.

São marcas e rastros do observador que se configuram com um existente e por isso representam um universo cultural. Alias, no estudo da sociologia do turismo, Krippendorf (2000) diz que a viagem é resultado tanto de um impulso individual quanto social, já que a decisão pessoal é de certa forma influenciada pela sociedade. Desse modo, as ações e interações do observador no local só podem corresponder a índices.

São os deslocamentos, atitudes e experimentações que dinamizam os espaços e cooperam para a produção dos seus sentidos. Por isso, as identificações e oblitterações são índices do turismo, cuja análise pode contribuir para a reestruturação do próprio espaço e das atividades nele desenvolvidas. Então, as transformações a partir das experimentações devem ser entendidas como dicente. É o resultado da existência real, aquilo que só pode ser constatado no local, compreendendo as interações humanas, aspectos pulsionais, relações diversas. Na sequência racional da análise semiótica possibilitará posteriormente a constatação e/ou novas formulações de leis gerais do local. Ou seja, a apreensão dos sentidos sociais e culturais que constituem os imaginários e as memórias dos lugares. Ver figura 2.

Figura 2: Secundidade



Fonte: dados da pesquisa, 2016

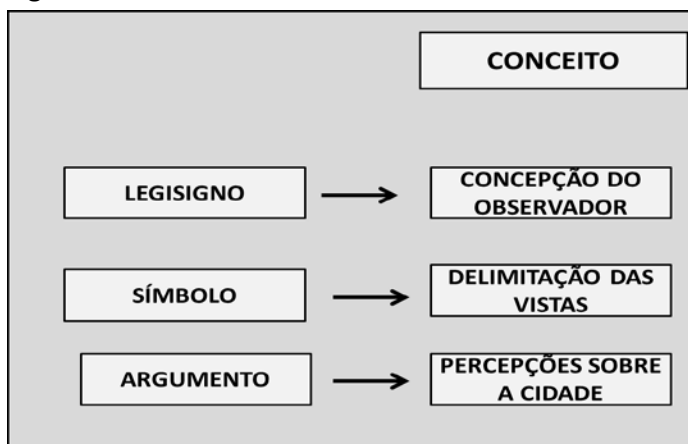
Portanto, por se tratar do momento de interação, observa-se que a identificação das percepções e sensações do observador deve ocorrer através de procedimentos técnicos operacionais que permitam o contato direto com ele, a exemplo de entrevistas *in loco*, com questões devidamente estruturadas, que vão permitir a coleta dos discursos sociais.

Considera-se com Bartucci (2013), que estes discursos possibilitam a identificação de questões relativas à intensidade e excessos pulsionais dos observadores, indicando suas sensações como sofrimentos e prazeres. Portanto, no contexto de percepções humanas sobre a cidade, a análise dos enunciados da secundidade deve ocorrer com base em estudos da psicologia social, psicanálise, linguística, sociologia, estudos culturais, propondo correlações com estudos de mercado, estrutura urbana, aspectos do local, segmentação turística.

Como já sinalizado, esse processo – informação e experimentação – permite ao observador a formulação de concepções sobre as vistas, desenvolvendo conceitos sobre o local. A experiência entra no nível da terceiridade, no qual o observador edifica suas argumentações, com base em suas vivências, elegendo símbolos do local, ou como diria Maccannell (2003), institucionalizando atrativos. A terceiridade diz respeito à continuidade e a identificação dos contextos sociais que evidenciam as atividades nos centros turísticos, por isso é o momento de consolidação dos símbolos do lugar, da formulação das leis gerais que vão fomentar os discursos sobre o destino.

Sendo assim, a concepção geral que o observador desenvolve ou apreende sobre o local só pode ser um legisigno. Trata-se de uma convecção social, e torna-se uma lei justamente porque o observador representa um universo cultural. Suas percepções e formulações cognitivas são frutos de sua memória e do conteúdo social que traz consigo, refletindo um grupo cultural específico que pode ser entendido como um segmento turístico. Por isso, os aspectos do lugar que ele elege como vistas se comportam com símbolos do local. Estes contêm estruturas ideológicas, força de representatividade de uma lei por convenção social. Nestes conteúdos simbólicos estão os argumentos necessários para a institucionalização dos atrativos, que podem ser constatados a partir da identificação das percepções dos observadores sobre o lugar (Figura 3). Infere-se que a consideração desses conceitos coopera para aspectos da gestão e do planejamento turístico.

Figura 3: Terceiridade



Fonte: Dados da pesquisa, 2016

Como no estudo em nível de secundidade, a identificação dos símbolos e leis sociais também é possível através de entrevista *in loco*, com questões devidamente estruturadas. Por se tratar de conteúdos sociais e ideológicos, a análise desses enunciados exige reflexões à luz de estudos sobre a sociedade como a sociologia, antropologia, estudos culturais, entre outras disciplinas. Devem ser confrontados também aspectos do lugar como programas de governo, indicadores sociais entre contextualizações que interferem na dinâmica do turismo.

O estudo semiótico é uma forma dialógica de organização e sistematização do pensamento sócio, por isso nunca tem fim. Fomenta debates contínuos e interdisciplinares sobre a experiência concreta, pondo em evidência convenções ideológicas. Com isso, é possível, em um debate, que elementos simbólicos da terceiridade sejam contextualizados como sinais de secundidade ou mesmo como ícones de primeiridade. Este caráter permite a continuidade de avanços epistemológicos da disciplina, mas ao mesmo tempo pode fazer com que o investigador perca de vista o objeto da pesquisa.

Nesse sentido, em um estudo específico, observa-se que é necessário situar o modelo semiótico a uma estratégia de investigação que o complemente e o fundamente, possibilitando ao mesmo tempo uma abordagem dinâmica e delineada de modo que o pesquisador permaneça firme no foco do objeto. Santaella (2006) observa que a semiótica é apenas uma parte no processo de produção do conhecimento e se torna definível em função de um conjunto que envolve a relação com outras estratégias de investigação.

Assim, sugere-se que análise estrutural a partir das regularidades discursivas propostas por Foucault (2014) permite a constituição desta racionalidade pretendida e a identificação dos seus efeitos múltiplos, uma vez que apresenta táticas para formulação e operacionalização do estudo. O sistema inclui formação das estratégias, que permitem a delimitação do objeto e seu confronto com ideias temáticas e teóricas; as formações discursivas, que são os elementos da análise contidos no próprio contexto dos discursos; e a formação de modalidades enunciativas, que colaboram para compreensão das particularidades da disciplina contidas nos objetos, além da formação dos conceitos.

Observa-se que ao inserir as discussões semióticas apresentadas aqui nestas formulações, estabelece-se uma estrutura lógica da pesquisa que define os elementos de primeiridade, secundidade e terceiridade, constituindo a estratégia de investigação. Por exemplo, no estudo da memória turística a partir das extensões da cidade no ciberespaço, as comunicações disponibilizadas no ciberespaço comportam-se como objeto da pesquisa. Os enunciados propostos por sites jornalísticos, páginas de governo e por aplicativos de dispositivos móveis devem ser analisados em nível de primeiridade; já que promovem qualidades. Os enunciados dos usuários nos espaços do leitor devem ser analisados em nível de secundidade, já que estabelecem relações, apontando para experiências.

Contudo, Foucault (2014) observa que a crítica a esses enunciados (objeto da pesquisa) prescinde de uma existência material no sentido de estabelecer formas de coexistência entre os discursos e os sujeitos dos discursos. Por isso, o autor sugere as modalidades enunciativas. São estas modalidades que permitem a associação do objeto à

disciplina, estabelecendo formas de coexistência, campo de concomitância, domínio da memória, procedimentos de intervenção. Assim, a entrevista aos observadores e a delimitação de correntes teóricas para análise são aspectos que caracterizam a formação dessas modalidades enunciativas.

Portanto, as questões propostas em nível de secundidade devem ser pensadas para identificar o poder de quem fala e de quem reproduz as ideologias sociais, que Foucault (2014) denomina de critérios de competência e de saber. Já as proposições em nível de terceiridade devem corresponder a elementos constitutivos que se relacionam a partir de hábitos retóricos intrínsecos ao domínio da memória, caracterizando a formação dos conceitos, o que vai possibilitar as significações dos discursos. Em síntese, trata-se de uma abordagem que permite uma vigilância epistemológica na qual para avançar é preciso transitar pelas abstrações do conhecimento, concebendo o saber turístico como fenômeno multidimensional.

5 Considerações

A semiótica colabora para que as disciplinas encontrem caminhos para a produção dos seus discursos, já que se propõe a esmiuçar a complexidade do objeto de pesquisa. Afirma-se que trilogia peirciana possibilita uma delimitação de categorias de análise do turismo – motivação, indivíduo, espaço, conceitos – essenciais à produção do discurso do turismo, oferecendo subsídios para a constituição de uma epistemologia da disciplina. O modelo exige análises interdisciplinares dessas categorias, ratificando que a elaboração do saber requer um exercício contínuo da reflexão sobre técnicas operacionais e conteúdos científicos, que caracteriza a vigilância epistemológica.

Referências

- Bartucci, G. (2013). *Onde Tudo acontece. Cultura e psicanálise no século XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Beni, M. C. (2001). *Análise Estrutural do turismo*. 4 Ed. São Paulo: Senac.
- Codato, Henrique e Lopes, Flor Marlene E. (2010). *Semiologia e Semiótica como ferramentas metodológicas*. In: Barros, Antônio e Duarte, Jorge (Orgs). *Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação*. 2 Ed. São Paulo: Atlas.
- Foucault, Michel (2014). *A arqueologia do saber*. 8 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- lasbeck, Luiz Carlos Assis (2010). *Método semiótico*. In: Barros, Antônio e Duarte, Jorge (Orgs). *Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação*. 2 Ed. São Paulo: Atlas.
- Japiassu, Hilton (1991). *Introdução ao pensamento epistemológico*. 6 Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Krippendorff, Jost (2000). *Sociologia do turismo*. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Aleph: São Paulo.
- Maccannell, Dean (2003). *El turista. Uma nueva teoria de la classe ociosa*. Melusina: Barcelona.
- Maffesoli, Michel (1998). *Elogio da razão sensível*. Vozes: Petrópolis, 1998.

- Moesch, Maruscka (2000). *A produção do saber turístico*. Contexto: São Paulo.
- Morin, Edgar (2005). *O método. O conhecimento do conhecimento*. 3 Ed. Porto Alegre: Sulina.
- Panosso Netto, A. & NECHAR, M. C (2014). *Epistemologia do Turismo: escolas teóricas e propostas críticas*. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. São Paulo, 8(1), jan./mar. pp. 120-144.
- Peirce, Charles S. (2005). *Semiótica*. 3 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- Popper, Karl. R. (2008). *A lógica da pesquisa científica*. 16 Ed. São Paulo: Cutrix.
- Santaella, Lúcia (2004). *O método anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Unesp.
- _____ (2004a). *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. Paulus: São Paulo.
- _____ (2005). *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia*. 3 Ed. São Paulo: Iluminuras.
- _____ (2006). *O que é semiótica*. Brasiliense: São Paulo.
- _____ (2008). *Epistemologia semiótica. Cognitio – Revista da Filosofia*. São Paulo, v. 9, n. 1, p. 93-110, jan./jun. 2008.